

DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO

www.chicoornellas.com.br

MOGI DE A A Z

# Você sabe de onde eu venho?

CARLOS ROBERTO GODOI CINTRA

Bom dia senhores  
Meu nome é Joaquim Cardoso e quero apenas complementar a matéria "FEB - A Epopeia do Século XX" publicada na página Chico Ornellas no último domingo 8 de maio, comemorando a vitória dos aliados sobre os alemães na 2ª Guerra Mundial, em 1945. A complementação é que eu não apareço na foto dos pracinhas perfilados próximos ao Tiro de Guerra de Mogi das Cruzes, onde estão quase todos os meus colegas. Afinal, eu também estive lá na época. Também não vejo o Miled Cury do qual fui municionador, nem o Geraldo Bola, meu grande companheiro.

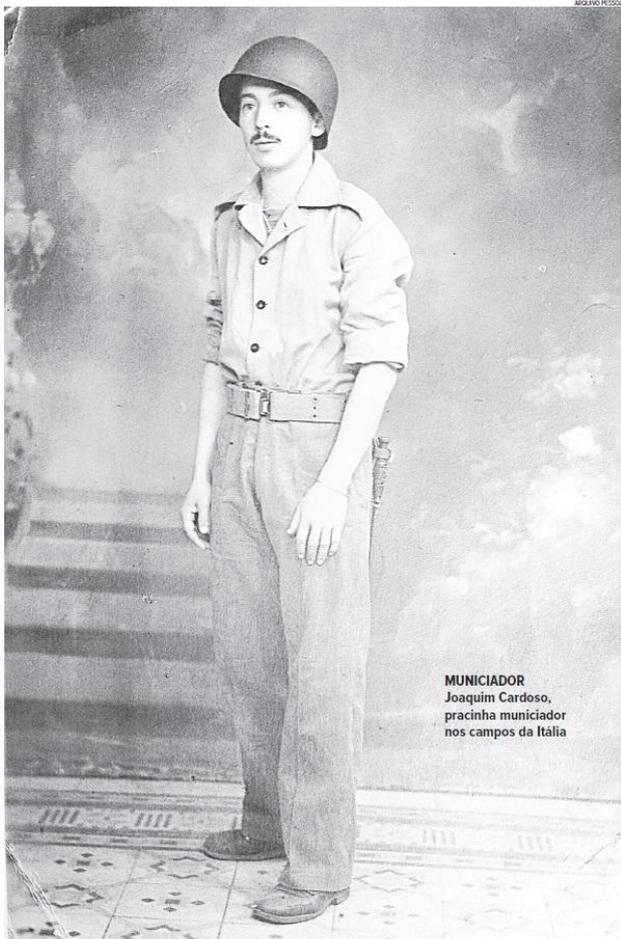
Aos que não me conhecem, eu era chamado por Quincas ou Quinquinhas, nascido e criado em Mogi. Era boêmio, alegre, gostava de contar piadas e trabalhava na "Casas Pernambucanas", vendendo tecidos, ali na esquina da Dr. Deodato e da Coronel Souza Franco. Morava na Rua Major Pinheiro Franco, 256, onde hoje está o edifício João XXIII. Era uma casa grande onde minha mãe, dona Florentina, fazia os melhores chouriços para vender no Mercado e, naqueles tempos difíceis, para ajudar nas despesas do mês, alugava parte da residência para as trupes de circo do Mazzaropi e do Piolin, que vinham para se apresentar em Mogi e tinham dificuldades em conseguir alojamentos na cidade.

*Por mais terras que eu percorra, não permita*

*Deus que eu morra, sem que volte para lá*

E assim fomos para a Itália em 1942, sem grandes treinamentos e roupas próprias para resistir ao inverno europeu. Mas fomos, lutamos, cumprimos o nosso dever e voltamos, infelizmente sem a companhia de alguns colegas mortos em

algumas batalhas. Viemos de navio e desembarcamos no Rio de Janeiro e, de lá pra Mogi, em trem. A Cidade nos esperava no campo



MUNICIONADOR  
Joaquim Cardoso,  
pracinha municionador  
nos campos da Itália

do União F.C. com recepção e locutor para anunciar nossa chegada. Tudo certo, não fosse um desastre do trem no Vale do

Paraíba. Fiquei ferido, graças a Deus, sem gravidade. A festa da chegada foi então transferida para uma semana depois.

O final da história é que, após o final da Guerra, recebemos um bônus do governo brasileiro, mas com uma reintegração

na sociedade não muito fácil. Recebi a minha parcela e com ela comprei um bar, anexo ao antigo Cine Parque, chamado Cantagalo. Mas não tinha estrutura para tal: tanto é que eu e meus amigos, todos apreciadores de uma boa cachaça, acabamos com o bar, que faliu em 15 dias por falta de estoque que foi todo bebido nesse tempo.

Acabei por trabalhar no 2º Grupo Escolar Aprígio de Oliveira, mais por ajuda do governo e entre internações por alcoolismo e tuberculose. Também porque, na época, a assistência da qual necessitávamos, como se vê na reportagem de Diego Antonelli, da *Gazeta do Povo*: "O governo não se prestou a dar os menores cuidados a essas cidadãos que arriscaram suas vidas dentro e também fora do campo de batalha. Alguns ficaram cegos, outros mutilados e alguns se viram tachados de loucos, internados em hospitais e hospícios. A reintegração à sociedade era cada vez mais difícil". (<http://www.gazetadopovo.com.br>) Adeus Itália, Adeus pracinhas).

Minha despedida desta vida aconteceu em 27 de novembro de 1982 aos 63 anos. Pela idade até que fui cedo; se dependesse de mim, até ficaria mais um pouco.

Por favor, se puder publique a foto que estou enviando para todos se lembrarem de nós, pracinhas mogianos.

*Venho do verde mais belo, do mais dourado amarelo, do azul mais cheio de luz, cheio de estrelas prateadas que se ajoelham deslumbradas, fazendo o sinal da cruz!*

Em tempo, agradeço pela homenagem aos pracinhas na bandeira de Mogi, única por sinal, entre todas as bandeiras brasileiras, com a imagem da cobra fumando, lembrando a fala de Getúlio Vargas: "É mais fácil uma cobra fumar que o

Brasil ir à Guerra".

PS: Com textos da "Canção do Expedicionário", de Guilherme de Almeida / Spartaco Rossi.

## CARTA A UM AMIGO

### As luzes de um KS

Meu caro Luiz Roberto

Há várias histórias envolvendo o telefone, esse instrumento da vida moderna que faz a felicidade de alguns; a infelicidade de outros e transforma num tormento a vida de muitos. Com o telefone, este advogado de 52 anos sempre teve uma relação parcimoniosa. Cheguei a hesitar sua adesão ao advento do celular, mas capitulou. Nunca, que se lembre, houve disputas irrisórias com o aparelho. Até que...

Havia quase 20 anos que ele estava casado. Uma relação harmoniosa de três filhos e muitas conquistas. Que se deteriorou por motivos que nem ele sabe explicar direito. Simplesmente se deteriorou. A separação veio há sete anos. Amigável, sem traumas nem rancores. Civilizada.

Alguns meses depois meu amigo iniciou uma nova parceria. Era moça madura, saída de um casamento de 10 anos e dois filhos. Durou cerca de seis anos, cada um de seualado. Não o via havia cinco meses, encontrei-o há duas semanas:

"Como vai você, e o escritório; seu filho advoga com você? E a namorada?"

"Pois é, Chico, vai tudo muito bem. Eu, o escritório e os filhos. Só a namorada é outra, estranho você não saber".

"Mas o que houve?".  
"Namoramos durante mais de seis anos, eu sozinho em meu apartamento,

ela em meu apartamento, ela com os filhos em sua casa. Até que resolvemos, como se diz, dividir o mesmo teto. Durou seis meses se tanto. E a única lembrança que tenho desse tempo são os luzes do KS - um aparelho telefônico piscando. Deixei meu apartamento e montei casa, uma residência ampla e confortável, que ela cuidou de decorar. Mudamo-nos todos. Nós e os seus dois filhos adolescentes. Já na primeira semana foi um tormento: eu chegava em casa e só me lembro de olhar para o KS e ver as luzes piscando. Eram cinco linhas e dois adolescentes que, não sei como, conseguiam ocupá-las todas. Simultaneamente. Eu sei que isso pode parecer rabugice, mas eu já havia passado dessa época. Não podia reclamar para não magoar a mãe. Não durou muito tempo. Separamo-nos. Continuo morando na mesma casa, agora sozinho. Sabe de uma coisa? Quando chego lá, à noite, ainda olho para os aparelhos KS e me dá a impressão que todas as luzes estão piscando".

Só mais uma história.  
Grande abraço do

Chico

## O MELHOR DE MOGI

Coisa simples, daquelas que dependem apenas da disposição em fazer. Mas o mastro com a bandeira de Mogi, instalado na rotatória da Francisco Rodrigues Filho, já é uma referência da Cidade.

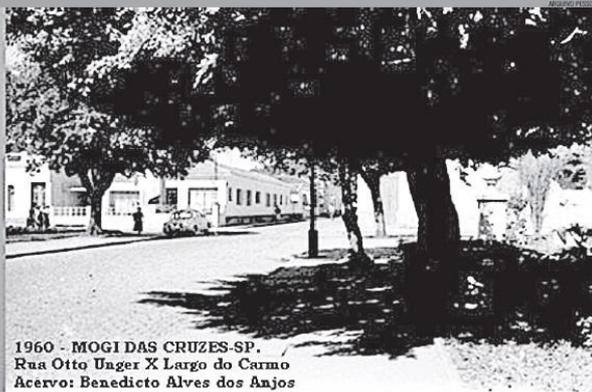
## O PIOR DE MOGI

Nos últimos 30 anos, esta é a única legislatura que a Cidade não tem representante na Câmara Federal. Para lá foram, nesse tempo, Mauricio Najar, Aristides Cunha Filho, Valdemar Costa Neto e Junji Abe. Agora? Ninguém!

## SER MOGIANO É...

... ter utilizado os serviços das charretes que faziam ponto na Praça Sacadura Cabral.

## Flagrante do Século XX



1960 - MOGI DAS CRUZES-SP.  
Rua Otto Unger X Largo do Carmo  
Acervo: Benedicto Alves dos Anjos

TESOURO Quando se pensa que o acervo de Benedicto Alves dos Anjos já foi descoberto por inteiro, lá vem seu filho, o advogado Nabor Arouche Alves, com outras preciosidades. Como este flagrante da esquina das ruas Otto Unger e Largo do Carmo, obtido em 1960.